

GIOVANNA GARCIA TICIANELLI

**CORRIDA DE RUA E MULHERES: CORPOS
PERCORRENDO UMA REVISTA E AS RUAS**

Campinas

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GIOVANNA GARCIA TICIANELLI

**CORRIDA DE RUA E MULHERES: CORPOS
PERCORRENDO UMA REVISTA E AS RUAS**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação Física como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Educação
Física.

Orientadora: Profa. Dra. Helena Altmann

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A
VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA
APRESENTADA PELA ALUNA GIOVANNA
GARCIA TICIANELLI E ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. HELENA ALTMANN

Assinatura do orientador

Campinas

2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

T436c Ticianelli, Giovanna Garcia, 1993-
Corrida de rua e mulheres corpos percorrendo uma revista e as ruas /
Giovanna Garcia Ticianelli. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Helena Altmann.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Corrida. 2. Mulheres. 3. Gênero. 4. Esporte. I. Altmann, Helena. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Street racing and women bodies going through a magazine and streets

Palavras-chave em inglês:

Race
Women
Gender
Sport

Titulação: Bacharel

Data de entrega do trabalho definitivo: 24-11-2015

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer meu pai e minha mãe por possibilitarem e me proporcionarem o melhor para que eu conseguisse seguir minha trajetória universitária da melhor maneira possível. Gostaria de agradecer minha irmã e meu irmão por sempre estarem ao meu lado, me transmitirem todas as energias positivas da infância e da juventude me estimulando e me divertindo nos finais de semana.

Agradeço à Débora pela amizade, companheirismo, aventuras, viagens, e principalmente por estar sempre ao meu lado me ajudando, me incentivando e dando vida aos meus dias!

Gostaria de agradecer a Prof. Helena Altmann, orientadora desse trabalho, que desde 2012 me ensina e me auxilia a conhecer e explorar o mundo das pesquisas. Sempre solícita e disposta a trabalhar comigo.

Agradeço ao Professor Wagner Xavier de Camargo por aceitar o convite de compor a banca e pelas contribuições para melhorar o presente trabalho.

É difícil depois de 4 anos tão intensos e repletos de pessoas especiais ao meu lado agradecer cada uma, tentarei em uma sequência cronológica e não de importância contemplar todos esses agradecimentos.

Muito obrigada às minha amigas e amigos que fazem parte dessa trajetória, presentes nos momentos mais divertidos. A sala do 012 diurno, em que cada um por mais próximo ou distante que sejamos possui participação na minha formação e nesse trabalho.

Agradeço em especial à Marina, Gabi e Luana pela amizade que construímos nesse tempo, pela parceria, pelo amor, pelo carinho, pelo respeito e pela paciência. Espero que nossa amizade continue sempre intensa, mesmo com os dias, semanas ou meses afastadas, que nossos encontros sejam sempre intensos.

Agradeço às Babacanas por toda a amizade. Um agradecimento especial à Dani, minha mãe da FEF, por termos as melhores conversas, à Fra pela amizade construída e a Ju por todo o aprendizado que dividimos nesses anos e por ter a paciência de me ajudar com a bioquímica, a matemática e lendo minhas pesquisas.

Gostaria de agradecer aos professores(as) que fizeram parte da minha

formação na Faculdade de Educação Física.

Gostaria de agradecer ao Professor Orival por permitir que eu conseguisse dar continuidade aos meus treinos de natação, ciclismo e corrida, além de me ensinar sobre tais treinos e possibilitar que eu aprendesse a dar aulas de natação e corrida.

Agradeço a Professora Denise pela oportunidade de participar da disciplina de bioquímica como monitora, participar dos grupos de estudos do laboratório e conhecer a equipe Labex, esta que foi essencial para a minha formação. Agradeço aos integrantes do laboratório por toda a atenção e aprendizagem compartilhada. Gostaria de agradecer de maneira especial ao Prof. Thiago Lourenço por ter me ensinado muito sobre os testes de VO₂ e sobre corrida!

Agradeço a Prof. Heloisa Helena Baldy dos Reis pela sua seriedade com o ensino e por me inspirar a seguir nossa carreira. Além de ter se tornado uma grande amiga.

Agradeço ao Deko e a Andréia pela amizade construída no último ano, obrigada pelos conselhos, pelos treinos, pelos churrascos e por serem minha família campineira!

TICIANELLI, Giovanna Garcia. **Corrida de rua e mulheres:** corpos percorrendo uma revista e as ruas. 2015. 42f. Monografia (Bacharel em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

RESUMO

O número de mulheres corredoras vem aumentando no Brasil, representando assim uma crescente inserção das mulheres nesse esporte. O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações existentes entre as mulheres e a corrida de rua. Para isso, foi analisada uma revista sobre a modalidade direcionada ao público feminino, a WRun, questionando qual o seu conteúdo e a que fins está relacionado – treinamento, estética, socialização, lazer, emagrecimento, entre outros. Foram realizadas entrevistas com corredoras amadoras que participam de competições observando quais seus objetivos com a corrida, porque e com quais expectativas elas começaram e continuam praticando o esporte. Os resultados demonstram que a imagem e o conteúdo transmitido pela revista não condiz com a realidade das praticantes, enfatizando um padrão de beleza associado não só ao mundo esportivo, mas às mulheres de maneira em geral. Por outro lado, as entrevistas evidenciam uma relação intensa das mulheres com a corrida, na qual a experiência de competir influencia positivamente a regularidade, a intensificação e o envolvimento com os treinos. Enquanto a revista prioriza a corrida de rua como um meio para atingir um fim externo a ela – como o de emagrecimento – para as corredoras, a corrida em si, a experiência de competir e a busca de um melhor rendimento adquirem uma maior importância.

Palavras-chave: Corrida; Mulheres; Gênero; Esporte.

TICIANELLI, Giovanna Garcia. **Street running and women:** bodies going through a magazine and streets. 42f. Monografia (Bacharel em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

ABSTRACT

Number of runner women in Brazil has been increasing, therefore, representing growing insertion of women in this sport. This study has the objective of analyzing the existing relations between women and street running. W Run, a female magazine on this theme, was therefore analyzed regarding its contents and related purposes – training, aesthetics, socialization, leisure, weight loss, and others. Amateur runners who have taken part in competitions were interviewed and their goals were observed regarding what motivated them to begin practicing such sport and which expectations they had at the beginning and after some time of practice of this sport. The results show that the image and the content transmitted by the magazine do not correspond to the reality of the participants. It emphasizes beauty standards associated not only the sports world, but with women in general instead. Conversely, the interviews evince an intense relation between these women and running, in which experiences of competing positively influences the training regularity, intensification and engagement with it. Whereas street running is prioritized by the magazine as means to reach external goals- such as weight loss - for runners, the act of running, the experience of competing and the pursuit for a better performance gather greater importance.

Keywords: Running; Women; Gender; Sport.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	14
3. METODOLOGIA.....	15
4. A REVISTA <i>WRUN</i>	18
4.1 Corpos, matérias e propagandas: a corrida entre imagens e textos	18
4.2 Percorrendo o conteúdo da revista	21
4.3 Sensualidade, beleza e elegância aos olhos do leitor	23
5.1 O início da prática e os primeiros objetivos.....	26
5.2 Os sentimentos envolvidos no início da prática	27
5.3 Os objetivos recentes e a consolidação de uma prática constante.....	28
5.4 Competições: escolhas e preferências.....	29
5.5 O cotidiano: a rotina de treinos e sua importância	30
5.6 A centralidade da corrida na vida dessas mulheres.....	32
5.7 A corrida como a “mitologia da autorrealização”	34
6. PALAVRAS FINAIS: PERCORRENDO UMA REVISTA E AS RUAS.....	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXO A.....	42

1. INTRODUÇÃO

A participação de mulheres em corridas de rua no Brasil tem crescido nos últimos anos. Na São Silvestre, a mais famosa corrida brasileira e uma das mais populares do mundo, realizada sempre na cidade de São Paulo no dia 31 de dezembro, o número de mulheres que concluíram a prova no ano de 2013 cresceu 22,2% em relação ao ano anterior. De acordo com o *site* Webrun¹, em um ano, o número de corredoras subiu de 4.273 para 5.223, enquanto, no mesmo período, o número de homens que concluíram a prova cresceu de 16.253 para 17.297, ou seja, um aumento de 6,4% da participação masculina, contra um aumento de 22,2% da feminina. Mesmo a quantidade de homens sendo 53,6% maior, se for analisado o aumento do número de participantes nessa corrida desde 2009, observa-se que o público em geral aumentou 24,7%, sendo 15,9% de aumento no masculino e 67,1% no público feminino. Esse aumento expressivo de corredoras é evidente nos dados apresentados, sendo também observado em outras corridas, como na Meia Maratona Internacional de São Paulo, na Maratona Internacional de São Paulo e na Meia Maratona Internacional do Rio de Janeiro, entre outras.

No Brasil, quem regulamenta as corridas de rua é a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), a qual oficializa as seguintes distâncias para percursos de rua: 10km, 15km, 20km, Meia maratona, 25km, 30km, Maratona, 100km, Ultra-Maratona de 24 horas e Maratona de Revezamento. Cada estado tem a sua própria federação, que organiza seus próprios eventos, sendo a do estado de São Paulo a Federação Paulista de Atletismo (FPA).

Essa pesquisa pretende demonstrar aspectos da relação entre mulheres e a corrida, a partir de uma revista sobre corrida de rua direcionada ao público feminino, a *WRun*, e entrevistas com mulheres corredoras amadoras. Pretendeu-se investigar os conteúdos da revista e a que fins estão relacionados – treinamento, estética, lazer, emagrecimento – e como as mulheres entrevistadas que praticam essa modalidade constroem e relacionam-se com o esporte. A partir desses dois parâmetros foi traçada uma discussão entre o que é propagado na mídia em relação às corredoras e como

¹ O *site* “Webrun, desafie seu limite” divulga e realiza inscrições em eventos esportivos, além de divulgar os resultados das principais corridas, dentre outros serviços direcionados ao esporte. Disponível em <<http://www.webrun.com.br/h/noticias/aumenta-o-numero-de-mulheres-na-sao-silvestre/15333>>. Acesso em: 08/04/2014.

realmente elas constroem sua relação com a corrida.

A maioria dos participantes das corridas não está envolvida com a federação e, sim, com uma prática informal ou vinculada a equipes de treinamento. Há corridas que não são oficializadas e, tampouco, ligadas às federações de atletismo, podendo ter outras distâncias, além daquelas regulamentadas. As corridas oficializadas têm o percurso regulamentado, seguem algumas exigências, como de hidratação e presença de postos médicos.

As corredoras amadoras entrevistadas nesta pesquisa envolvem-se na corrida não em busca de resultados expressivos na federação, mas por interesses pessoais diversos, dentre eles, a melhora dos próprios resultados e a possibilidade de medir e comparar o próprio desempenho e treinamento, conforme demonstraremos ao longo do artigo.

A prática de corrida de longa distância por mulheres é relativamente recente, e o mesmo ocorre com a produção de conhecimento sobre esta prática esportiva e social. Foram localizadas algumas pesquisas que abordam a corrida e os esportes, de uma maneira geral, na perspectiva do treinamento e dos distúrbios que podem ser gerados como: incontinência urinária, perturbações alimentares (ARAÚJO, 2008), amenorreia e osteoporose (MANTOANELLI; VITALE; AMANCIO, 2002). Na produção científica brasileira, não foram localizadas pesquisas que abordem a corrida de rua praticada por mulheres a partir de uma perspectiva de gênero. Nas ciências humanas, de forma mais ampla, alguns estudos foram encontrados (DALLARI, 2009; GONÇALVES, 2011; PINHEIRO, 2012). Há pesquisas sobre mulheres praticando outros esportes como futebol (GOELLNER, 2005; MORAES, 2012; ALTMANN; REIS, 2013), judô (SOUZA; MOURÃO, 2011), *skate* (GOELLNER; FIGUEIRA, 2013), esportes equestres (ADELMAN, 2011), esporte olímpico (RUBIO, 2011) entre outros, além de pesquisas mais direcionadas ao corpo e à imagem corporal (DEVIDE, 2005).

Bastos, Pedro e Palhares (2009) enfatizam a falta de pesquisas sobre corrida de rua na perspectiva das ciências humanas, ao analisar teses e dissertações das três universidades públicas do estado de São Paulo, e constataam uma predominância das publicações no campo da medicina.

A importância de tais dados também está relacionada ao fato de que a participação das mulheres no esporte nem sempre foi permitida. Elas passaram por um

longo processo de aceitação e até hoje existem discrepâncias em relação a essa participação, como nas imagens divulgadas pela mídia e nas diferenças que ocorrem nas competições, como em relação à premiação e as categorias em que as participantes são divididas. É importante salientar que algumas corridas brasileiras de grande repercussão já segregam os homens e mulheres em categorias iguais e oferecem também a mesma premiação, como é o caso da São Silvestre, Volta da Pampulha, Meia Maratona do Rio de Janeiro, Maratona de São Paulo, entre outras.

É no começo do século XX que as mulheres passam a ampliar sua participação esportiva no Brasil. O país passava pelo contexto da industrialização e urbanização, o que permitiu a prática esportiva pelo incentivo à educação do corpo, expresso na construção de novas praças, parques e lugares destinados aos momentos de lazer e divertimento, com o objetivo de fortalecer os corpos para o desenvolvimento e fortalecimento da nação (GOELLNER, 2005).

A primeira participação brasileira nos Jogos Olímpicos foi em 1920 na Antuérpia, ainda com condições bem precárias de confederação, atletas e treinamento. Em 1924 tudo continuava precário e os atletas que participaram dos Jogos foram por organização e vontade própria. Em Amsterdã, em 1928, o entusiasmo em participar das Olimpíadas não foi suficiente e o Brasil não enviou participantes. Mas o marco inicial e principal para essa pesquisa é o ano de 1932 em que há a primeira participação feminina brasileira nos Jogos Olímpicos. Foi com Maria Lenk, nadadora paulista, na época, com 17 anos de idade, que o Brasil inaugurou a inclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos. Esse não foi o início das mulheres nas práticas esportivas, mas contribuiu para que a imagem da mulher praticando esportes ficasse um pouco mais em evidência no cenário esportivo.

A presença das mulheres no esporte foi crescendo conforme a vontade do Brasil em se modernizar e seguir os padrões europeus. A prática do hipismo e do tênis, por exemplo, esportes permitidos por não prejudicar a feminilidade das praticantes e por reforçar o caráter oligárquico das praticantes, foi vivenciada nas primeiras décadas do século XX no Brasil por mulheres ricas, pertencentes à elite das grandes metrópoles, como São Paulo (SCHPUN, 1997).

Concomitante ao início das práticas higienistas, do embranquecimento populacional e da preocupação com o corpo, mulheres brasileiras se inseriram nos esportes. A ideia de que a prática de algumas modalidades melhoraria suas condições

em relação à maternidade e sem nunca colocar sua feminilidade a prova era apresentada como argumento para justificar tal prática. Isso proporcionou sua presença em ambientes abertos, uma vida ao ar livre, relacionando-se com o sol e com a luz do dia, modernizando-a. É também uma experiência de vida pública para essas mulheres.

Essa vida pública associada a atividades antes só realizadas pelos homens, como maior presença nos ambientes sociais, cuidados com o corpo através dos exercícios, sentimentos envolvidos nas competições esportivas, suor, rivalidade, começaram a fazer parte do universo feminino gerando desconforto na parte conservadora da população. Isso fez com que em 1941 o General Newton Cavalcanti apresentasse para o Conselho Nacional de Desportos um documento que proibia a prática de algumas atividades por mulheres, entre elas: o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo. Porém, mesmo com essas e outras proibições as mulheres continuaram praticando-os e ganhando seu espaço. (GOELLNER, 2005).

A partir de 1935, surgiram alguns campeonatos exclusivamente femininos, sendo eles: Jogos Femininos do Estado de São Paulo, Jogos da Primavera e Jogos Abertos Femininos. Estes serviram para divulgar atletas brasileiras e inseri-las no cenário esportivo nacional e internacional, aumentando cada vez mais sua participação e o surgimento de nomes de destaque, como Maria Esther Bueno e Aida dos Santos.

Assim a mulher foi se inserindo no contexto esportivo e atualmente, 83 anos após a participação da primeira atleta brasileira em uma olimpíada, continua-se observando grandes diferenças nas representações e significação entre homens e mulheres no esporte. Mesmo com o aumento na participação e constante ganho de espaço no mundo esportivo, as mulheres ainda enfrentam preconceitos em modalidades ainda consideradas masculinas, na mídia, com fotos erotizadas de seus corpos e no dia a dia para se organizarem e conseguirem, além da rotina de trabalho e cuidados com os filhos, terem um tempo para as práticas corporais.

Nessa tentativa de organização da rotina e luta pelos direitos e espaços conquistados pelas mulheres, entram as reivindicações e teorias feministas, que a partir do século XIX no Brasil lutam para que mulheres ocupem mais espaços públicos, conquistem seus direitos e sejam autônomas para realizarem suas escolhas. Concomitante aos movimentos feministas, as mulheres tornam-se objetos de estudos das universidades, o que, posteriormente inaugura um campo de pesquisa, as teorias de gênero e sexualidade que contribuem para compreender as relações existentes entre

homens e mulheres na sociedade.

Uma autora de referência importante na elaboração dessas teorias e conceitos é Joan Scott, ao conceituar gênero como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. Gênero é, então, definido como uma categoria de análise, como: “[...] elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder [...]” (SCOTT, 1990, p. 21). Concluindo: “[...] o gênero é, um modo de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1990, p. 23).

Linda Nicholson associa o conceito a importância da representação e do entendimento do corpo. Defende que o modo como interpretamos o corpo é essencial para nos diferenciarmos uns dos outros, sendo que este era muito usado para diferenciar homens e mulheres, representando o corpo feminino como uma versão inferior ao masculino. Isso pode ser relacionado ao esporte, uma vez que as mulheres eram afastadas dos esportes pelo receio de machucá-las, construindo e fundamentando uma ideia de corpo “frágil” e incapacitado de suportar o esforço exigido pela prática esportiva.

A fragilidade feminina vem sendo contestada a partir do aumento da participação das mulheres em diversas modalidades como futebol e lutas (ALTMANN; REIS, 2013; FERRETTI; KNIJNIK, 2007). Outro exemplo foi o acontecimento que caracterizou a primeira participação feminina na Maratona de Boston, em que, embora fosse proibida a participação de mulheres, uma mulher conseguiu se inscrever, por utilizar apenas as iniciais dos primeiros nomes. Em 1967, mesmo havendo resistência por parte de juízes e organizadores da prova, Kathrine Switzer conseguiu, concluir uma maratona e provar que mulheres são capazes de correr longas distâncias. Em 1972, as duas mais importantes maratonas norte-americanas, as Maratonas de Boston e Nova York, autorizam a participação de mulheres. Nos Jogos Olímpicos, a maratona é oficializada como prova também feminina apenas em 1984.

A partir de então muitas corridas foram sendo criadas, apresentando um constante aumento da participação das mulheres, sendo criadas até mesmo corridas direcionadas somente ao público feminino. Alguns exemplos no Brasil são: Circuito WRun, Circuito Athenas, Corrida do Batom, Circuito Elas, entre outros.

Outro dado relacionado ao crescimento da prática de corrida de rua por

mulheres é o aparecimento de produtos e mercadorias a ela relacionados. Um desses produtos são as revistas de corrida de rua, existindo no Brasil uma direcionada especificamente a mulheres, a *WRun*. Essa revista será objeto de análise dessa pesquisa. Serão analisados os exemplares da revista ao longo de um ano, sendo analisadas as matérias, propagandas e capas, envolvendo as imagens e textos sobre a mulher corredora nela presentes.

Além da análise da revista, essa pesquisa teve como objetivo analisar o espaço que a corrida possui na vida das praticantes, a relevância, seus objetivos com a prática, a relação da corrida com o corpo, como ocorre a aderência, como são sistematizados os treinos, qual a importância das competições e quais benefícios são percebidos através da prática dessa modalidade.

A relação entre os movimentos feministas, os conceitos de gênero, a evidência no corpo, a tentativa de demonstrar o crescimento da participação e da possibilidade de um espaço a ser conquistado pelas mulheres no esporte são aspectos relevantes a essa pesquisa, através do envolvimento delas com a corrida de rua e os benefícios que essa modalidade pode gerar.

Para analisar o que esse esporte, a corrida de rua, significa para uma parcela das praticantes, as amadoras, foi trabalhado com a metodologia de entrevistas, que através da narrativa oral retrata a memória de um indivíduo sobre determinados acontecimentos e é valorizada como “elemento constitutivo da sua identidade, na medida em que é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204). Foi investigada a relação da corrida com a construção do dia a dia, da rotina da mulher, quais benefícios a prática proporciona em relação à construção de si e as relações de gênero.

Assim, esta pesquisa pretende contribuir com a sistematização do conhecimento sobre mulheres no esporte, em particular, nas corridas, sob o viés das ciências humanas. Além disso, através da produção de conhecimento, procuramos dar visibilidade às mulheres atletas nesta modalidade².

² A questão da invisibilidade das mulheres atletas tem sido tematizada por Silvana Goellner desde 2005. A esse respeito, ver Goellner (2005); Goellner et al. (2012); Goellner e Figueira (2013).

2. OBJETIVOS

O objetivo da presente pesquisa foi analisar as relações presentes entre a prática da corrida de rua e as mulheres. Pretendeu-se analisar como ocorre a prática da corrida por mulheres, como essa prática é propagada em um veículo de comunicação, se a prática é utilizada como um meio ou um fim e quais aspectos estão ligados a ela (treinamento, socialização, estética entre outros).

Foi analisado o conteúdo de uma revista temática sobre mulheres corredoras. Sob qual perspectiva a mulher corredora é apresentada em uma revista feminina de corrida, analisando a capa, as propagandas e matérias presentes na revista durante o período de um ano.

A análise foi feita a partir de uma perspectiva de gênero, sempre atenta às maneiras como a revista retrata o papel da mulher no esporte, no caso na corrida de rua. Pretendíamos descobrir como essa revista aborda as imagens e a corrida das e para as mulheres. Investigou-se se as mulheres corredoras são vistas como atletas, ligadas ao mundo esportivo, ou se a corrida é abordada a partir de outros benefícios, como qualidade de vida, saúde, estética, emagrecimento, socialização, turismo etc. Também foi analisado como e em que aspectos a corrida é abordada como algo positivo na vida das mulheres, que amplie suas experiências de vida.

Com as entrevistas, o objetivo foi analisar as experiências com a corrida de rua de mulheres que participam de competições e a praticam de forma amadora, analisando como elas vivenciam essa prática corporal. Pretendeu-se compreender os impactos da experiência competitiva na prática da corrida em si, bem como em outras dimensões da sua vida.

Também foi analisado como e em que aspectos, a corrida é abordada como algo positivo na vida das mulheres, que amplie suas possíveis experiências de vida a partir das relações encontradas entre as revistas e as entrevistas.

3. METODOLOGIA

Para o presente estudo foram analisados, durante um ano, seis exemplares da revista *W Run*, uma revista bimestral sobre corrida de rua direcionada às mulheres. O período das revistas foi de agosto de 2012 a julho de 2013, sendo os exemplares do número 24 ao número 29.

Foram analisadas as capas, propagandas e matérias da revista. Para isso, inicialmente analisou-se minuciosamente cada página da revista, fazendo um fichamento de cada exemplar, anotando o conteúdo e a imagem usados nas matérias, propagandas e capas. De maneira geral, no texto observou-se qual o enfoque dos conteúdos, como: emagrecimento, treinamento, saúde, lazer, socialização, entre outros. Nas imagens foram observadas as cores predominantes, os estilos de corpos, as roupas utilizadas pelos corpos ali presentes, além das idades, do semblante, da maquiagem, dos cabelos e do ambiente presente.

Houve uma tabulação das informações obtidas no fichamento com a criação de categorias para melhor organização e clareza dos resultados em relação aos textos encontrados. As matérias, foram divididas conforme as sessões que a revista mesmo propõe, sendo tabuladas a quantidade de páginas destinada a cada sessão e subsessão, com o intuito de ver quais assuntos possuem mais espaço em cada exemplar. A revista divide suas matérias em catorze grandes sessões: Em pauta, Inspire-se, Coaches, Conexão, Na capa, Primeiro passo, Estar bem, Vertebral, Divã, Pós-treino, Treino (exercícios e planilhas), Cuide-se (nutrição e saúde), Viver bem (estilo de vida e bem-estar), Estilo (beleza e moda). Nessas quatro últimas ainda há sub-sessões: Treino (get up, perca peso, exercícios, limiar 1 e limiar 2), Cuide-se (health, nutrição, corpo de mulher), Viver bem (life style, entrevista, longevidade, body mind e meu mundo), Estilo (beauty, beleza, hi-low e looks). Dentre os seis exemplares praticamente todas essas sessões foram mantidas tendo pequenas modificações entre eles.

Para tabular as propagandas, estas foram divididas em nove categorias: vestuário (tênis), alimentos, alimentos light, lojas, grandes marcas (esportivas e demais) e inscrição para corrida, conforme o conteúdo que apresentavam.

As manchetes das capas foram divididas em seis categorias: emagrecimento com exercícios, fortalecimento muscular, psicologia esportiva, motivação para a corrida, emagrecimento com alimentação e desempenho.

As imagens foram analisadas a partir de quatro grandes enfoques:

1. Espaço: análise do espaço no qual a imagem apresenta-se: em estúdio, ambiente externo (natural ou urbano) ou ambiente interno (casa, apartamento ou um lugar público).
2. Pessoas: em relação ao gênero, estilo de corpo (gordo/magro) e etnia.
3. Aparência: análise da imagem com enfoque: na maquiagem, no cabelo (funcional para uma prática esportiva ou na moda), nas roupas (esportivas funcionais ou moda e casuais), nas cores (das roupas, tênis e acessórios) e na presença ou ausência do suor.
4. Movimento: corrida (propriamente dita ou simulação) e outros exercícios também com a separação entre a sua efetiva realização ou uma simulação.

Além disso, foram realizadas entrevistas com mulheres praticantes amadoras de corrida³. O requisito para a participação foi ter idade acima de 30 anos, estar praticando por pelo menos um ano a modalidade e já ter participado no mínimo de dois eventos de corrida de rua. Essa delimitação etária decorre do fato da faixa etária entre 30 e 42 anos ser a com maior número de competidoras em diversas corridas, dentre outras na Corrida de São Silvestre, conforme consta no gráfico 1. Além disso, o tempo de participação e a experiência em corridas visou trabalhar com sujeitos com alguma experiência e trajetória dentro da modalidade, a qual foi objeto de análise nesta pesquisa.

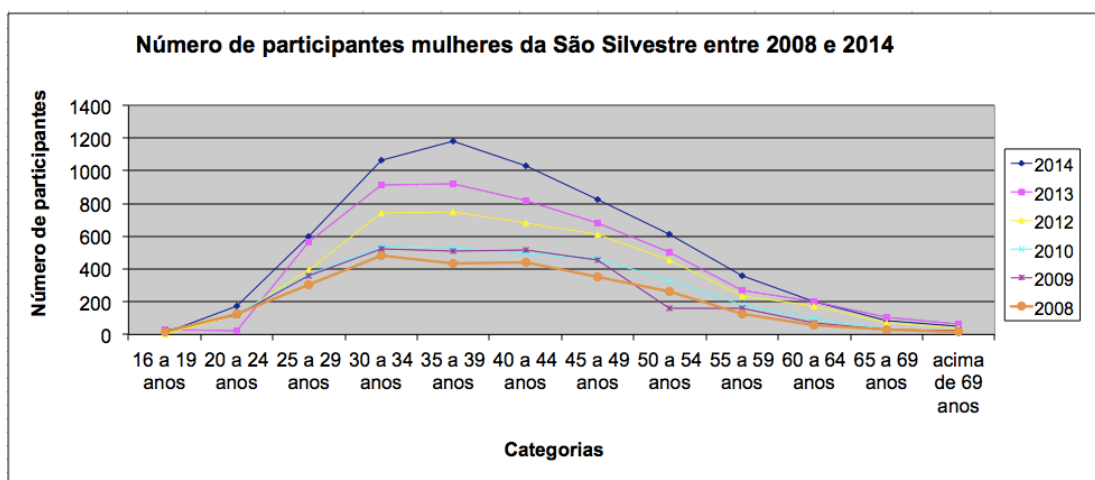


Gráfico 1 - Gráfico do número de participantes mulheres na São Silvestre construído.

* 2011 não possuía organização dos dados no site por isso foi retirado

³ O projeto de pesquisa, incluindo o roteiro de entrevistas, foi aprovado pelo Comitê de Ética da Unicamp Protocolo número: 34400214.0.0000.5404.

As mulheres foram selecionadas aleatoriamente de uma assessoria de corrida da cidade de Bauru, interior de São Paulo. Nessa assessoria as alunas recebem uma planilha de treinos, realizam treinos coletivos aos domingos, participam de eventos de corridas na cidade de Bauru e em outras cidades e podem optar por realizar treinos de musculação na academia da própria assessoria. A assessoria não é específica para mulheres, há homens também e as idades dos participantes são distintas, os profissionais que nela trabalham são das áreas de Educação Física e Fisioterapia.

As dez mulheres entrevistadas possuíam idade entre 32 e 47 anos e de 2 a 10 anos de prática de corrida. As entrevistas – elaboradas com perguntas que responderam aos objetivos propostos no projeto –, foram realizadas entre outubro e novembro de 2014, com duração aproximada de 20 minutos, foram gravadas e posteriormente transcritas. Foram realizadas duas entrevistas piloto para testagem e ajuste do roteiro e este encontra-se no Anexo A.

Os resultados obtidos na entrevista foram categorizados para que facilitasse a compreensão e identificação das conclusões, como proposto pelo conceito da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin, mais especificamente na análise categorial. Para a AC o texto “[...] é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem.” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682), essa categorização pode ser temática, sendo construídas conforme os temas aparecem no texto e conforme a relação deste com as perguntas elaboradas nos objetivos a serem atingidos na pesquisa.

4. A REVISTA *WRUN*

4.1 Corpos, matérias e propagandas: a corrida entre imagens e textos

Foram analisadas as capas, matérias e propagandas de todos os exemplares. Em relação às matérias a sessão que apresentou maior número de páginas em todos os exemplares foi a “Treino” entre dezoito e vinte e quatro páginas por exemplar. Nas sub-sessões a “Looks” apresentou maior número de páginas nos exemplares um, dois e cinco, com seis, seis e oito páginas respectivamente. Empatou com a “Perca peso” no terceiro, com seis páginas. No quarto a “Perca peso” se sobressaiu com oito páginas e no sexto a subsessão “Exercício” predominou com oito páginas, como mostra a Figura 1.

	Exemplar 1	Exemplar 2	Exemplar 3	Exemplar 4	Exemplar 5	Exemplar 6
Total de páginas da revista:	82	82	82	82	82	82
Total de páginas de cada sessão:						
EM PAUTA	1	1	1	1	1	1
INSPIRE-SE	2	2	2	2	2	2
COACHES	1	1	1	1	1	1
CONEXÃO	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5
NA CAPA	2	2	2	2	2	2
TREINO (exercícios e planilhas)	1	1	1	1	1	1
get up	2	2	2	2	2	2
perca peso	3	3	6	8	7	5
exercícios	4	4	4	4	6	8
limiar 1	4	4	3	5	4	3
limiar 2	4	4	4	4	4	3
TOTAL DA SESSÃO:	18	18	20	24	24	22
CUIDE-SE (nutrição e saúde)	1	1	1	1	1	1
health	2	2	1	1	1	1
nutrição	3	3	2	4	4	4
corpo de mulher	0	0	3	0	0	3
TOTAL DA SESSÃO:	6	6	7	6	6	9
VIVER BEM (estilo de vida/ bem-estar)	1	1	1	1	1	1
life style	1	1	1	1	0	1
entrevista	4	4	2	2	3	2
longevidade	3	4	4	4	3	3
body mind	2	2	2	2	2	2
meu mundo	2	2	2	2	2	2
TOTAL DA SESSÃO:	13	14	12	12	11	11
ESTILO (beleza/moda)	1	1	1	1	1	1
beauty	1	1	1	1	0	1
beleza	0	3	3	2	2	0
hi-low	4	2	1	1	0	1
looks	6	6	6	7	8	6
TOTAL DA SESSÃO:	12	13	12	12	11	9
PRIMEIRO PASSO	0	1	0	0	0	0
ESTAR BEM	0	1	1	1	1	0
VERTEBRAL	1	0	0	0	0	0
DIVA	1	0	1	1	0	1
PÓS-TREINO	1	1	1	1	1	1

Figura 1 - quantidade de páginas destinadas a cada sessão da revista. Em destaque, na cor vermelha a sessão com maior número de páginas e na cor amarela a subsessão com maior número de páginas em cada exemplar.

Em relação às imagens, a maioria apresentava-se em ambiente externo natural, como parques, lagos, trilhas, entre outros. As pessoas por mais que sejam mulheres corredoras amadoras dificilmente não estavam enquadradas em um perfil

constante na revista, caracterizadas como magra, branca, maquiada, com o cabelo arrumado, predominantemente preso, propício para a prática esportiva, com roupas de corrida, porém sempre com o abdômen em evidência, apresentavam-se em sua maioria de shorts e top, em apenas um exemplar foi apresentada uma mulher idosa, nos outros predominou imagens de mulheres jovens e de meia-idade. O movimento foi dependente da sessão e subsessão da revista, algumas apresentavam a corrida e exercícios tentando representar a realidade através de simulações como na sessão “Treinos” e outros eram poses, corridas e exercícios como na subsessão “Looks” com o objetivo de demonstrar modelos de roupas e não enfatizar a prática esportiva. Por mais que fossem apresentados exercícios e movimentos de corrida eles eram simulações para a fotografia e não exercícios propriamente ditos, o que pode ser percebido pela aparência e expressão das pessoas apresentadas.

Cada exemplar possuía uma quantidade de propagandas variando entre catorze e dezenove, que foram divididas em nove categorias já apresentadas na metodologia. A categoria que se sobressaiu foi a “Lojas”, variando de cinco a oito propagandas por exemplar, empatando nos dois últimos exemplares com a “Inscrição para corrida”, com cinco propagandas em cada um, como demonstrado na Figura 2.

PROPAGANDAS	Exemplar 1 Total: 19	Exemplar 2 Total: 18	Exemplar 3 Total: 19	Exemplar 4 Total: 14	Exemplar 5 Total: 16	Exemplar 6 Total: 19
1. Vestuário	1	0	0	0	0	0
1.1 Tênis	4	1	1	0	2	2
2. Alimentos	0	1	1	0	0	0
3. Alimentos light	2	2	6	3	2	2
4. Lojas	8	7	7	5	5	5
5. Grandes Marcas						
5.1 Esportivas	1	2	2	0	1	1
5.2 Demais	1	1	2	2	1	4
6. Inscrição p/ corridas	2	4	0	4	5	5

Figura 2 - caracterização das propagandas. Em destaque, na cor vermelha, a categoria que apresentou maior número de propagandas em cada exemplar.

Nas propagandas predominantes, “Lojas” e “Inscrição para corridas”, as pessoas e aparências foram semelhantes às apresentadas nas matérias, com a diferença que houve a presença de homens em algumas. Já em relação ao movimento nas propagandas de “Lojas” o padrão foi simulações de corridas com imagens em ambientes externos. As roupas usadas por elas eram sempre esportivas, entre elas: calças leggings, shorts de lycra ou de corrida, top e camisetas. Todas enfatizavam o corpo, deixando-o mais em evidência e explícito, muitas vezes as mulheres apareciam apenas de top, mostrando sempre corpos magros e bem definidos, criando um padrão de corpo para as

praticantes da modalidade. Além disso, por uma contradição, elas apareciam realizando exercícios, mas dificilmente estavam suadas, com o cabelo desarrumado e cansadas, apresentavam-se maquiadas, sem suor e sorrindo, demonstrando que a maioria dos exercícios retratados eram na verdade simulados para a propaganda.

Uma observação a ser feita em relação ao apresentado pelas propagandas de lojas são as mercadorias divulgadas, ou elas eram apenas direcionada ao público feminino com cores predominantemente rosa e roxa ou possuíam dois tipos, como se um fosse feminino e outro masculino, percebido através das cores escolhidas.

A categoria “Inscrição para corridas” apresentava propagandas que anunciavam o dia, horário, valor da inscrição e patrocinadores de determinada corrida, como a revista é direcionada para as mulheres muitas corridas anunciadas também eram. Os textos eram sempre incentivando a participação na corrida, para superar desafios, melhorar marcas e se divertir. As imagens ou seguiam o padrão das mulheres utilizado nas propagandas da categoria “Lojas”, magras, com corpos definidos, usando roupas combinando, ou apenas shorts e top, bem arrumadas e maquiadas ou eram fotos da edição anterior do evento divulgado, apresentando mulheres e homens em movimento de corrida propriamente dito e em ambiente externo, no caso ruas.

Cada exemplar possuía cinco ou seis manchetes na capa, divididos em seis categorias também explicitadas na metodologia. Os exemplares um e dois apresentaram predominância na categoria “Motivação para a corrida” e o exemplar cinco na “Emagrecimento com exercícios”, nos demais não houve predominância de nenhuma categoria. De maneira geral, a categoria “Motivação para a corrida” foi a que apresentou maior número de manchetes (oito), seguida pela “Emagrecimento com exercícios” (sete), em terceiro “Fortalecimento muscular” (seis), em quarto “Psicologia esportiva” (cinco), em quinto “Desempenho” (quatro) e com menos manchete “Emagrecimento com alimentação” (três), como demonstrado na Figura 3.

CATEGORIAS	TOTAL DE MANCHETES
1. Emagrecimento c/ exercícios	7
2. Fortalecimento muscular	6
3. Psicologia esportiva	5
4. Motivação para a corrida	8
5. Emagrecimento c/ alimentação	3
6. Desempenho	4

Figura 3: categorias criadas para análise das manchetes. Em destaque, na cor vermelha, a categoria que apresentou maior número de manchetes no somatório dos seis exemplares.

Nas imagens das capas não havia ambiente de fundo, todas possuíam um fundo de determinada cor e a imagem de uma mulher. As cores foram bem distintas nas capas, com um destaque para o azul que esteve presente em várias roupas e acessórios. As imagens representavam mulheres praticantes amadoras de corrida de rua em cinco exemplares realizando o movimento da corrida, mas a partir da falta de elementos como o suor e o cansaço percebe-se que foram imagens feitas em estúdio e que elas não estavam realmente correndo, apenas simulando. Novamente as mulheres apresentadas seguiam um padrão de corpo e aparência, o mesmo já apresentado nas matérias e propagandas.

4.2 Percorrendo o conteúdo da revista

A sessão que apresentou maior número de páginas em todos os exemplares foi a “Treinos”, esta possui matérias com profissionais na área da Educação Física que dão dicas de treinos de corrida e de outras modalidades para melhorar os treinos das leitoras. Há quatro subdivisões dentro dessa sessão: a Get up que apresenta informações gerais sobre exercícios, algumas propagandas de produtos direcionados a corrida de rua e exercícios de yoga que auxiliam também nessa modalidade; a Perca peso, em que são apresentados exercícios não só de corrida, como dança e lutas também com o enfoque na perda de peso; Exercícios, uma sequência de exercícios é apresentado com o intuito de melhorar o fortalecimento de grupos musculares diretamente associados com a corrida; Limiar 1 e Limiar 2, são matérias mais direcionadas a corrida de rua mesmo, em que há dicas de treinamento e planilhas para o início da prática e melhora no rendimento de diferentes distâncias de corrida.

O que pode ser observado nessa sessão é que mesmo a revista sendo direcionada para o público feminino e as matérias também dialogarem com esse público faltam assuntos fisiológicos exclusivos do mundo da mulher, como a relação entre exercícios físicos e o ciclo menstrual, gravidez, tríade da mulher atleta, entre outros. Além de assuntos como violência e segurança nos locais da prática esportiva. De maneira geral, há três enfoques principais nessa sessão apresentados de forma separada ou concomitante: melhora do rendimento da corrida, delineamento do corpo e emagrecimento.

Muitas informações e dicas da modalidade principal da revista são transmitidas, ajudando as leitoras a conhecerem melhor o esporte e melhorarem seus treinos, porém muito do que é transmitido é relacionado não só a esses objetivos, como a constante relação com o corpo magro e com “curvas” exuberantes. Exemplo disso são algumas frases presentes na revista, como: “Chutes, socos e chaves de braço podem ajudar (e muito!) a emagrecer, modelar as curvas e aliviar o estresse [...]”, “bumbum duro feito pedra”, “[...] E pode investir sem medo: ao trocar as máquinas da musculação por barras, anilhas, bolas com peso, cordas e kettlebells, você não vai ficar fortona, mas ganhar um condicionamento físico completo. Preparada?”, e “Firme, redondo e empinado: assim é o bumbum dos sonhos de qualquer uma de nós [...] modelar a parte do corpo que é preferência nacional e ainda melhorar o seu rendimento na corrida”.

Por mais que os exercícios e dicas apresentados sejam favoráveis à prática da corrida, implícita ou explicitamente eles estão ali representados para moldar o corpo da mulher e demonstrar que esse corpo deve seguir o estereótipo apresentado pelas modelos representadas nessas páginas.

A subseção que apresentou maior número de páginas em quatro exemplares foi a “Looks”, uma subseção destinada a apresentar diferentes modelos de roupas e acessórios direcionados a prática de exercícios físicos, principalmente a corrida, através de modelos mulheres. Demonstrando o incentivo ao consumo e a criação da necessidade de alguns produtos para a prática da modalidade, além da constante afirmação do modelo de corpo da mulher corredora, uma vez que as modelos apresentam o mesmo padrão de corpo: magro, branco, com músculos e curvas delimitados.

A subseção “Perca peso” foi predominante em três exemplares, subseção que apresenta exercícios indicando seu gasto calórico com o objetivo da perda de peso. Em dois exemplares que possuíram essa subseção como predominante representavam os meses de dezembro a março, isso é, boa parte localizadas no verão, estação do ano em que as pessoas querem estar magras para exibirem seu corpo na praia, piscina, clube etc.

Ocorreu predominância das propagandas da classificação “Lojas”, o que gera o incentivo ao consumo relacionado à corrida e a nutrição esportiva, afinal todas as propagandas dessa categoria eram de lojas esportivas, academias e lojas de nutrição esportiva. Retratando o caráter mercadológico do esporte, que incentiva o consumo de

produtos para praticá-lo. Além de criar a imagem de que a mulher precisa estar sempre bem vestida e na moda, mesmo quando vai praticar uma modalidade esportiva, sendo mais uma preocupação para elas antes de iniciarem e durante a prática. Demonstrando, mais uma vez, a predominância de um estereótipo de corpo feminino utilizado em um meio de comunicação dessa modalidade.

Dentre as classificações criadas para as manchetes presentes nas capas dos exemplares a que obteve predominância foi a “Motivação para corrida”, esta que apresentava manchetes incentivadoras para o início na modalidade, a continuação para melhores resultados, motivação para diferentes idades e distâncias de provas, entre outros incentivos sempre relacionados à prática da modalidade, sem referência à estética, a moda ou ao emagrecimento. Indicando que a revista também se preocupa com o incentivo da prática da modalidade em si.

A segunda classificação mais presente nas manchetes foi “Emagrecimento com exercícios”, em que os textos incentivavam a prática esportiva com o objetivo de emagrecimento, utilizando muito a expressão “queime calorias” para indicar a finalidade do exercício.

Por mais que a “Motivação para corrida” esteja mais presente nas manchetes a que possuía maior destaque na capa eram as de “Emagrecimento com exercícios”, os textos eram maiores, em negrito e com muita utilização de números indicativos da quantidade de calorias que seriam gastas em determinados exercícios ou o peso que poderia ser perdido com o exercício físico, como por exemplo: “-4kg por mês”, “5 exercícios que vão trincar o seu abdome”, “corrida na praia, queima até 800cal por hora nas férias”, entre outros. Enfatizando mais uma vez a questão da construção de um corpo ideal para as corredoras através dos exercícios físicos e das dietas e da constante ênfase na questão do corpo perfeito através das medidas de altura e peso corporal.

4.3 Sensualidade, beleza e elegância aos olhos do leitor

O conteúdo de uma maneira geral da revista apresenta-se relacionado a corrida de rua e a exercícios físicos, transmitindo dicas e sugestões para um melhor treinamento, porém junto com essas informações a afirmação de um tipo de corpo é sempre presente, seja através do texto ou das imagens. No texto foi presente pelas

utilizações de expressões como “queime calorias”, “músculos firmes”, “barriga chapada”, “bumbum empinado” e pela constante apresentação da relação entre a altura e o peso das mulheres presentes nas matérias. Nas imagens esse tipo de corpo é observado através das modelos e corredoras apresentadas, sendo em sua maioria mulheres jovens e de meia-idade com roupas que não são comuns de serem utilizadas no dia-a-dia da maioria das corredoras, como praticar a corrida apenas de shorts e top e da utilização de maquiagens. Esses aspectos fazem com que a revista distancie-se do mundo real das corredoras e enfatize um padrão relacionado ao sucesso na corrida que não é o do treinamento apenas.

A partir dos resultados demonstra-se que a revista constrói padrões em relação ao corpo da mulher corredora e enfatiza a necessidade da moda e da estética na prática esportiva. Também apresentando algumas matérias incentivadoras à prática e ao treinamento propriamente dito, porém dando maior destaque às roupas, acessórios e a beleza de suas entrevistadas e modelos apresentadas durante as páginas.

Muito dessa ênfase nas roupas e acessórios pode ser relacionada à construção e crescimento da mulher consumidora, em que elas são utilizadas como fontes de venda de produtos para que supostamente gerem seu bem estar. Sendo assim, possuindo determinados produtos elas estariam conquistando seu espaço e sendo aceitas no mundo esportivo. (BORDO, 1997).

Além da questão trabalhada por Nicholson em relação à influência que a sociedade possui na representação do corpo. Esse corpo enfatizado pela revista segue padrões dessa sociedade que influencia, quer moldar e padronizar o corpo feminino em um corpo magro e “com curvas”, pois se seguisse o corpo das atletas profissionais de esportes de endurance, como as corredoras de rua, seria observado um corpo muito diferente, um corpo extremamente magro, com o mínimo de gordura corporal possível e pouco musculoso ou o corpo de mulheres jovens e de meia-idade que praticam de maneira amadora a corrida não estaria presente essa semelhança tão grande entre os corpos e sim diferentes formas e estilos de praticarem a corrida dependendo de suas experiências corporais e estilos de vida.

Essa influencia em moldar o corpo das mulheres remete ao conceito de corpos dóceis de Foucault e a representação da feminilidade, em que o corpo torna-se um lugar prático de controle social, colocado a serviço das normas da vida cultural e

habituação às mesmas, fazendo com que as mulheres sejam convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na automodificação. Essa representação da feminilidade com o crescimento dos meios de comunicação, como as revistas, é transmitida através das imagens visuais padronizadas, como é o caso da *W Run*, as regras são ditas através do discurso do corpo, por meio das roupas, aparências e expressões corporais. Além do ideal de esbeltez, as práticas de exercícios e dietas emagrecedoras cumpridas pelas mulheres como uma forma de seguir as exigências da feminilidade (BORDO, 1997).

O corpo apresentado pela revista quer provocar aos olhos do leitor sensualidade, beleza, elegância e delicadeza e não força, resistência e suor que são essenciais para a prática de modalidades esportivas.

5. AS CORREDORAS⁴

5.1 O início da prática e os primeiros objetivos

O começo da prática e os objetivos iniciais foram analisados de maneira concomitante, por possuírem aspectos em comum. O incentivo inicial para a prática da corrida está relacionado a um estímulo por parte de pessoas próximas, como: irmã, cunhado, filhos, namorado e *personal trainer*. Esse estímulo mostrou-se essencial para fazer com que essas mulheres comesçassem a correr e para que elas pudessem sentir-se capazes de realizar essa atividade, uma vez que algumas expressaram que elas mesmas não acreditavam que conseguiriam. Isso demonstrou que a corrida se caracterizava como uma dificuldade e, ao mesmo tempo, um desafio, inicialmente superado com o incentivo e o auxílio de outra pessoa.

Meus filhos me incentivaram a correr. (entrevistada 2, 47 anos)

Eu iniciei a prática da corrida com um ex-namorado.
(entrevistada 3, 32 anos)

Eu vi o grupo na rua, vi as provas que tinha em Bauru, aí fui conhecer o grupo e comecei a correr. (entrevistada 8, 41 anos)

Com o meu personal, eu fazia aula, e ele me incentivou a começar a correr, porque eu achava que eu não iria conseguir.
(entrevistada 9, 40 anos)

Minha irmã e meu cunhado sempre correram, aí eles falaram “Vamos correr que é importante, é legal, vale a pena, relaxa”.
(entrevistada 10, 41 anos)

Esse incentivo foi acompanhado de outras intenções que fizeram com que a corrida fosse o esporte escolhido, como realizar algum exercício físico, emagrecer ou apenas manter o peso. Esses objetivos, também observados em outras pesquisas, justificam o crescente envolvimento das mulheres por essa modalidade (Pinheiro, 2012; Gonçalves, 2011). Embora aspectos ligados à necessidade de fazer exercício físico e à estética tenham sido mencionados como objetivos iniciais para parte significativa das corredoras, a adesão à prática fez com que eles se modificassem, surgindo metas direcionadas à corrida propriamente dita, como o aumento da distância a ser percorrida

⁴ Parte desse capítulo foi enviado para publicação na Revista Labrys/Estudos Feministas na edição de julho/dezembro de 2015.

e da velocidade alcançada.

Outro critério mencionado por várias atletas foi a praticidade da corrida: ela não exige outros instrumentos, além de tênis, e pode ser praticada a qualquer momento e em qualquer lugar. Uma corredora apontou como critério o fato de correr ser um momento “livre de ego”:

Então a corrida é uma coisa que você não tem espelho, você não fica lá olhando para o espelho, você não fica fechada, você não precisa ficar escolhendo a roupa mais bonita, o shorts mais bonito... Você não vai para se exhibir, você tem um tênis bacana pelo seu prazer, pelo seu desempenho... (entrevistada 6, 41 anos)

Para esta corredora, um ponto positivo da experiência de correr é não ser necessário preocupar-se com a própria aparência no momento da prática, combinando roupas e tênis, por exemplo. Tal aspecto difere do que foi observado na revista, em que as imagens demonstram corredoras maquiadas, com roupas combinando, corpos magros, entre outros fatores

O início da prática também é caracterizado como um momento de estar com os amigos, em um ambiente diferente (a rua), um momento de lazer.

Nós dávamos voltas lá na Unesp e pronto, nada de muito conhecimento sobre a corrida. Eu adorava, adoro, mas era mais por brincadeira, estavam todos os meus amigos participando, nada de competição, mas por um momento de lazer mesmo. (entrevistada 1, 35 anos).

5.2 Os sentimentos envolvidos no início da prática

Os sentimentos vividos durante e pela prática são diversos, tendo sido alguns deles recorrentes, como a questão das amizades construídas nos ambientes de corrida, o bem-estar, o aumento da qualidade de vida e uma mudança no estilo de vida. Esses sentimentos são semelhantes em estudos que demonstram esses mesmos aspectos em relação à prática da corrida de rua (Dallari, 2009; Gonçalves, 2011; Silva e Souza, 2013).

Uma corredora disse ter começado a correr com uma amiga, e a corrida

acabou envolvendo toda a família, os filhos e o marido. Tal aspecto demonstra que, assim como pessoas próximas a ajudaram no início da prática, essas mulheres também se tornam influenciadoras para outros não praticantes.

Esses aspectos justificaram e caracterizaram o início da prática da corrida por essas mulheres, e muitos sentimentos positivos foram relatados como benefícios desse início, como: qualidade de vida, amigos, bem-estar, superação, relaxamento. Tais sentimentos seriam responsáveis pela transformação da corrida em um vício na vida dessas mulheres: “[...] *eu sinto uma sensação de felicidade enorme com a corrida, é meio que um vício e eu não penso em largar não.*” (entrevistada 7, 38 anos).

Esses sentimentos e sensações positivas durante e em torno dessa experiência corporal faz com que essas corredoras não interrompam a prática, preocupando-se em não faltar aos treinos, em realizar os exercícios de maneira correta para que não sofram lesões e não precisem parar de correr por um tempo.

5.3 Os objetivos recentes e a consolidação de uma prática constante

Quando elas foram interrogadas sobre os objetivos recentes com a corrida, todas demonstraram interesse em não parar de correr, tentando aumentar a distância nas competições e diminuir os tempos das anteriores. Mais uma vez, enfatizaram uma preocupação relacionada à prática propriamente dita e não mais a fins como o emagrecimento, apontado como objetivo inicial por algumas.

Foi construída uma relação íntima com a corrida, criando novos objetivos e metas. Via de regra, após a adesão e um tempo de prática, esses objetivos passam a estar mais relacionados à corrida e, mesmo as corredoras expressando que não competem com as outras, há uma preocupação pessoal delas com seu próprio desempenho. Isso faz com que elas possuam critérios para escolher as competições de que irão participar, deem importância aos treinos e também utilizem essas competições como estímulo para sempre criar novas metas e continuar a prática.

Eu acho que você tem que ter metas... Teve uns dias super frios que nós treinamos para Buenos Aires que jamais iríamos treinar se não tivesse a prova. Eu penso “eu não vivo disso”, aí, a hora que eu acordo eu falo “nossa, para que eu faço essas coisas?”. Aí, a hora que eu acabo “que delícia!!”[...] A hora

que acaba a prova, então, eu penso, “como eu amo isso”, é uma realização muito boa. (entrevistada 1, 35 anos)

As sensações obtidas com a prática estão muito relacionadas à percepção de uma superação pessoal, a um momento de relaxamento, em que elas podem ficar sozinhas, sem pensar na rotina e nos problemas do trabalho ou da família. Além disso, apreciam aquele momento com elas mesmas, vivendo-o de forma prazerosa e como uma forma de superação, relacionada à felicidade por ter conseguido atingir seus objetivos por esforço próprio, obtendo, assim, reconhecimento de outras pessoas e delas mesmas.

5.4 Competições: escolhas e preferências

A diferença entre os treinos e as competições está marcada pelo contexto, como oportunidade de vivência coletiva e com o caráter estimulante do ambiente. A dimensão competitiva da experiência, a busca por melhores resultados e o fato de correr cercada por mais pessoas contribuem para o aumento do ritmo e a melhora do tempo, com resultados melhores do que nos treinos.

Desse modo, todas as corredoras apontaram gostar mais das competições do que dos treinos. Porém a competitividade não se dá em relação aos outros e, sim, a elas mesmas, pois estabelecem metas condizentes com seus objetivos particulares. Elas vão às corridas, almejando aumentar suas distâncias e diminuir os tempos, buscando um resultado mais expressivo do que o anterior. Elas consideram as competições uma ferramenta que auxilia na continuidade da prática, por estimular a criação de novos objetivos.

A competição faz você correr melhor, a energia do ambiente te contamina, então você acaba indo um pouco mais rápido, tem um monte de gente. O treino para mim é mais tranquilo, eu venho com muito mais prazer em uma competição do que em um treino. (entrevistada 2, 47 anos)

Essa característica da competição de cada um consigo mesmo é um diferencial desse esporte. Tal constatação também foi encontrada por Dallari (2009), que afirma que grande parte dos participantes das corridas de rua não estão preocupados em obter as primeiras colocações e, sim, em competir com eles mesmos e vencer os próprios desafios.

Também foi percebido que as competições são mais estimulantes do que os treinos, como no relato da entrevistada 2. O caráter de um evento – horário de largada, percurso definido, contagem oficial de tempo, muitos corredores juntos – faz com que elas se sintam mais estimuladas e que seja um momento de comemoração e avaliação dos treinos realizados e das metas propostas.

A preocupação em obter um bom resultado nas competições se revela nas preferências declaradas pelas entrevistadas: dentre as dez entrevistadas, sete informaram preferir competições de 21 km, com trajetos planos, largada cedo, um ambiente bonito e clima favorável. Tais características, especialmente o trajeto plano, possuem relação com o resultado que elas almejam conseguir, pois fazem com que o tempo de corrida seja diminuído com maior facilidade.

Em relação às corridas voltadas exclusivamente para as mulheres⁵: seis das dez corredoras entrevistadas, que já participaram dessa forma de organização, disseram apreciá-la, pelos aspectos femininos que a acompanham, como as massagens, a aula de yoga, o *kit* voltado para mulheres ou a presença da cor rosa. No entanto, elas consideram a competitividade dessa corrida diferente, por prevalecer o caráter descontraído e por ser um momento de divertimento com as amigas. Disseram gostar também pelo protagonismo de estar entre as mulheres, porque, nas outras competições, a quantidade de homens é maior, e eles são os primeiros a chegar. No entanto, uma competidora disse ter um pouco de receio de que essa corrida possa ter um caráter estético muito grande.

5.5 O cotidiano: a rotina de treinos e sua importância

As atletas entrevistadas possuem dias fixos de treino e preferem ter esses dias organizados e com horários determinados. Como todas participam da mesma assessoria, os treinos são feitos de maneira semelhante em relação à distribuição dos seus diferentes tipos (intervalado, resistência e velocidade). As corredoras mostraram considerar seus treinos muito importantes e fundamentais em sua rotina e, mesmo com

⁵ Este é um tipo de corrida comum no circuito de competições, as quais, no geral, se apresentam com alguma característica ou diferencial que estaria ligado ao universo feminino: *marketing* nas cores rosa e lilás, oferta de brindes como batom e cremes, distâncias mais curtas e com pouco declive, entre outras. Cabe mencionar que, atualmente, não existem corridas exclusivamente para homens.

outros afazeres como trabalho, estudo, cuidado dos filhos e da casa, elas conseguem se organizar para treinar.

Dada sua importância, os treinos são realizados com assiduidade. Algumas dizem ser mais flexíveis, reorganizando seus horários durante a semana, para que, embora não sejam sempre nos mesmos dias, consigam realizar três treinos na semana, mantendo a regularidade e alcançando o objetivo almejado. Os lugares de treino podem variar – esteira ou rua –, mas elas relataram apreciar mais a rua. A esteira, por sua praticidade, é utilizada durante a semana, em dias de chuva, e para controlar melhor a velocidade nos treinos intervalados e de velocidade.

Elas modificaram seus estilos de vida para organizar todos os seus compromissos e, ainda assim, dispor de tempo para a prática regular. Isso é presente nas falas: a importância dos treinos, a organização da rotina, a preocupação com as lesões, tudo para que a prática seja constante – afinal, a corrida tornou-se um estilo de vida para essas mulheres. Percebem-se a rotina cheia de compromissos e a importância de ter os horários estabelecidos, para que, com uma organização eficiente, elas consigam cumprir com todas as suas obrigações.

Eu tento ter um horário determinado de acordo com as minhas atividades e obrigações, procuro treinar sempre dentro do mesmo horário, nos dias certos; se acontece algum imprevisto, eu tento encaixar dentro do mesmo dia, em algum horário que sobra, mas eu prefiro ter um horário fixo para isso.
(entrevistada 5, 35 anos)

E quando machuca, eu sei o que é machucar, tem que ficar parada, é depressivo, então eu tento controlar para não machucar, eu tenho até uma irmã que fala “tenta não machucar, porque eu sei que se você machucar você vai deprimir”. (entrevistada 6, 41 anos)

Hoje ela [a corrida] é fundamental na minha vida, e eu faço de tudo, cumpro tudo direitinho para não machucar, porque hoje eu não saberia viver sem, para mim é fundamental.
(entrevistada 7, 38 anos)

A corrida passou a interferir na rotina dessas mulheres, e elas viraram exemplos para pessoas não praticantes, além de envolver a família e fazer da corrida um momento de encontro e estabelecimento de elos afetivos.

Eu acho que virou um estilo de vida da família, porque em decorrência disso fomos à nutricionista, regularizamos a alimentação, meus filhos jogam tênis, nós controlamos a alimentação deles, virou um estilo de vida mesmo. Na minha família, um corre, o outro pedala, outro faz triatlo, então, quando nos juntamos, é legal, eles entendem também, principalmente a questão da alimentação. Temos conversas sobre isso, porque todo mundo entende. Da última vez que fomos para lá, estávamos treinando e tínhamos que correr. Eu estava em SP, aí combinamos de ir ao Ibirapuera correr e fomos todo mundo. Virou um estilo de vida da família. As crianças gostam também, eles querem vir, participar. É que eu acho eles pequenos para participar, mas tudo bem. Eles não veem a hora de participar. (entrevistada 8, 41 anos).

5.6 A centralidade da corrida na vida dessas mulheres

A corrida foi relacionada ao bem-estar pessoal, ao momento de lazer para o divertimento, sem preocupações ou obrigações externas à corrida, considerada um item fundamental na vida das entrevistadas. No entanto, elas possuem uma preocupação muito grande com a questão das lesões. Dada a importância emocional da modalidade, demonstram medo de se machucar e ter que ficar sem correr, sem o treino e sem esse momento de relaxamento, que gera bem-estar, qualidade de vida e alegria.

A corrida é um momento em que elas estão agradando a si mesmas, em que podem ficar sozinhas com os seus pensamentos, refletir e relaxar depois de muitas obrigações, não só no ambiente profissional, mas também no familiar. No momento da corrida, conseguem estar sozinhas, sentindo-se importantes e gerando um sentimento de superação. É uma forma de sair da rotina e as ajuda a pensar, relaxar, produzindo impactos nas suas vidas e das pessoas que as cercam.

Hoje a corrida me tira do meu dia-a-dia, para mim não vou dizer uma fuga, porque não é uma coisa ruim, mas é uma coisa que veio para ser boa para mim, porque hoje em dia meus dias são muito corridos... A corrida [...] é o momento que eu fico sozinha, é um momento meu, eu penso bastante. [...] Como eu estou muito focada no que eu quero de objetivo de corrida, o fato de eu estar correndo bem, em um ritmo que eu amo, me faz feliz. Então hoje a corrida significa muito para mim, hoje ela é principal na minha vida. Eu treino muscular por causa da corrida e eu tenho meus momentos de felicidades comigo

mesma, sem depender de filho, marido, nada [...]. Hoje ela é fundamental na minha vida, e eu faço de tudo, cumpro tudo direitinho para não machucar, porque hoje eu não saberia viver sem. Para mim é fundamental. (entrevistada 7, 38 anos)
Felicidade eu acho, é uma coisa que eu fico feliz, é a única hora que eu sou eu mesma, que eu não preciso fazer caras e bocas, é uma hora que sou eu comigo, uma hora eu com os meus pensamentos. É uma superação. Corrida é uma superação, uma felicidade, é bem-estar, qualidade de vida. (entrevistada 6, 41 anos)

Os relatos acima expressam a centralidade da corrida para essas mulheres corredoras. A corrida passa a ser o momento de se cuidarem, de estarem em contato com o próprio corpo e com suas vontades, um momento em que elas agradam a si mesmas, sem preocupar-se com trabalho, casa, filhos, marido. Um esporte individual, cujos resultados dependem do seu treinamento, mas que podem ser dinamizados em grupo, tornando a prática um momento de sociabilização e lazer também.

As análises demonstraram a adesão de mulheres à prática constante de corridas de rua, desde o processo inicial até a relação construída com a modalidade ao longo dos anos.

A experiência com a competição é um elemento importante dessa prática, intensificando e regularizando os treinos, estabelecendo metas e buscando uma melhora dos resultados individuais. A competição funciona como um elemento estimulador dos treinos e, simultaneamente, estabelece parâmetros avaliativos do próprio desempenho e do treinamento em curso. Além disso, é um momento de prática esportiva coletiva, vivido em companhia de outros corredores e corredoras.

A prática por essas atletas amadoras proporciona o conhecimento de que as mulheres estão inserindo-se no mundo esportivo e praticando esportes como momento de lazer. As características da modalidade possibilitam sua inserção no cotidiano de tarefas profissionais e domésticas, apresentando-se como uma atividade conveniente e prazerosa, flexível e sem excessivas exigências quanto ao local de treino, vestuário, deslocamento, entre outras. A experiência da corrida torna-se central, rompendo com informações e matérias que estabelecem uma relação entre prática esportiva, beleza estética dos corpos, roupas, maquiagem, emagrecimento. Essas mulheres apreciam a experiência de correr propriamente dita, e os efeitos decorrentes dela, vivenciando-a de forma prazerosa em várias dimensões da sua vida.

5.7 A corrida como a “mitologia da autorrealização”

O espírito de conquista que é valorizado e ansiado atualmente é a marca de uma mudança da “mitologia da autorrealização”. Para Ehrenberg (2010) o apreço pelo prazer sentido na vida privada ao assistir e contemplar os heróis e estrelas das classes baixas e médias foi transformado. Concomitante a isso, a vida pública passou a estimular os indivíduos a singularizar-se e tornarem-se si mesmos através de suas conquistas, nas práticas esportivas por exemplo.

O prazer sentido pela prática da corrida pode ser entendido como a “mitologia da autorrealização”, em que: “[...] cada um deve aprender a se governar por si mesmo e a encontrar as orientações para sua existência em si mesmo.” (EHRENBURG, 2010, p. 11). Assim, a prática da corrida pode ser encarada como uma maneira dos indivíduos inserirem-se na vida pública e construírem-se como seres, se autorrealizarem e se autoafirmarem através da sua performance.

“Todos estão forçados a ter de realizar uma proeza que os fazem grandes e pela qual são os heróis da vida moderna [...]” (EHRENBURG, 2010, p. 12). A visão baudelaireana da modernidade se aplica ao trabalhado nessa pesquisa. Traçar e alcançar os objetivos propostos em determinado momento com a corrida é conseguir realizar uma proeza e então atingir o êxito de uma conquista, fazendo com que a corrida seja a atividade prazerosa que proporciona esse êxito as praticantes.

A corrida é um esporte em ascensão e que proporciona essa conquista também por ser um esporte individual, em que o sucesso ou o fracasso depende unicamente do praticante. Essa conquista individual tem sido admirada e estimulada no mundo moderno, tanto no ambiente esportivo quanto nos empresarial e profissional. Esse praticante é o empreendedor, tido como herói, pois “[...] ele resume um estilo de vida que põe no comando a tomada de riscos numa sociedade que faz da concorrência interindividual uma justa competição” (EHRENBURG, 2010, p. 13).

Essa transferência de sucesso a cada indivíduo através da sua performance pode gerar a obrigação de vitória nas competições, podendo gerar uma crise de identidade e as atuais doenças predominantes na sociedade, como a depressão. Na corrida essa obrigação também pode ser um aspecto negativo dos treinos e competições, além da obrigação de vitória, o culto ao corpo através do esporte também pode ser

observado, principalmente pela constante propagação de um corpo padrão presente na mídia.

As análises das entrevistas dessa pesquisa demonstram o que Ehrenberg (2010) afirmou no contexto francês, que os esportes são mais do que exercícios físicos e qualidade de vida. Eles estão engajados no cotidiano e isso faz com que passem a ser: “a manifestação *de uma relação generalizada com a existência...* é um sistema de *condutas de si* que consiste em implicar o indivíduo na formação de sua autonomia e de sua responsabilidade” (EHRENBURG, 2010, p. 18).

Isso é possível pela transformação da *narratividade esportiva*, em que foi rompida a submissão a interesses superiores, como à pátria, a Deus e passou a direcionar-se ao próprio ser humano. O esporte é um meio de libertação que se impõe a si e em nome de si mesmo e permite ao ser humano alcançar autonomia de intimar-se e inventar-se com suas próprias forças.

Baudrillard (1986), ao analisar o contexto norte-americano e a Maratona de Nova Iorque, caracteriza a participação dos corredores como uma “performance fetichista”, pois o evento faz com que seja exaltada uma conquista sem consequência. É um evento em que as pessoas provam que são capazes de chegar para provarem a sua própria existência.

Além da questão da performance, outro aspecto importante deve ser levado em consideração: o corpo e as relações do seu modelamento com os padrões de vida e de normalização atuais. Ao corpo esta associado às questão da saúde, da estética e isso faz parte do seu controle. Controle esse que pode ser feito através das práticas esportivas, tornando-se o objetivo final delas para alguns.

Foucault (1989) destacou que o corpo é um local de manifestação de poder e também de resistir a tal poder. A corrida é uma prática em que essas duas faces podem estar presentes. Os objetos estudados nessa pesquisa possibilitam observar a dualidade existente entre um mecanismo que exerce poder sobre a população estimulando a prática para um fim estético e padronizando-a e a resistência de mulheres que correm resistindo a esse controle, mas não livres de outras forma de controle, como, por exemplo, o da performance explicitado anteriormente.

O corpo passou a ser objeto de intervenção e controle, normas foram criadas para a sua padronização. Possuir determinado tipo de corpo está associado ao

sentimento de realização pessoal. Esses corpos são propagados e a revista aqui estudada propaga um padrão, tentando induzir as praticantes de corrida a alcançarem um semelhante para que sintam-se corredoras de verdade, atraentes e felizes. O treinamento passa a ser direcionado à prática da corrida e ao êxito de atingir esse corpo.

Assim como a performance, o culto ao corpo passou a ser responsabilidade de cada indivíduo, levando “ao incremento de um individualismo perverso” segundo Miskolci (2006, p. 682). Além de corpos padronizados, subjetividades controladas são criadas. A prática da corrida pode gerar um sujeito que se autocontrola, se autovigia, para atingir a performance desejada, através de treinos sistematizados e acessórios que possibilitam o controle de cada passo dado para que o treino seja efetuado conforme a planilha ou o treinador indicou. Pode também ser um mecanismo de controle do corpo, através de imagens propagadas na mídia, como na revista aqui estudada. Corpos padronizados são determinados como padrão e passam a ser o objetivo de algumas mulheres. Para alcançá-lo a corrida pode ser um caminho e então formas rígidas de controle alimentar e de treinos são seguidas e mais uma vez o autocontrole, a disciplina são aspectos presentes para alcançar as normas.

Igualar a forma física, ser saudável e atingir a beleza são aspectos presentes nesse controle, também presentes na revista analisada. O interessante foi observar nas análises das entrevistas como a forma física e a beleza deixam de perpassar os objetivos das mulheres corredoras com a prática, expressando outra relação delas com a modalidade que vai além de padrões e submissões às normas de controle estético do corpo.

6. PALAVRAS FINAIS: PERCORRENDO UMA REVISTA E AS RUAS

A partir das análises feitas através das revistas e das entrevistas, alguns paralelos podem ser traçados. Foi perceptível que a revista propaga um corpo padronizado e enfatiza a necessidade da moda estar presente na prática esportiva, além de relacionar o treinamento de corrida a fatores que vão além da prática e com maior ênfase na promoção da automodificação por parte das mulheres sobre os seus corpos. Através de seus relatos obtidos nas entrevistas, as mulheres demonstraram possuir uma relação íntima com a corrida sobre o viés da prática e dos sentimentos envolvidos. O envolvimento e os objetivos em relação a corrida de rua estão relacionados à modalidade propriamente dita e não a fatores estéticos.

As imagens presentes na revista pouco se aproximam das corredoras, o ambiente externo não retrata na sua maioria as ruas e a esteira, os locais que as mulheres afirmaram correr com maior frequência. Os corpos são padronizados diferentemente da heterogeneidade das entrevistadas. Por fim, diferentemente do propagado pela revista as mulheres não possuem em suas falas preocupações com as roupas, as cores, as combinações, que irão utilizar no momento da prática, como é evidenciado na fala de uma entrevistada que caracterizou a prática como um momento “livre de ego”. Elas estão preocupadas em conseguir organizarem-se para manter a prática constante, atingir seus objetivos e prevenir possíveis lesões que as afastariam da corrida.

A predominância de propagandas da categoria “lojas” também não corresponde aos objetivos das mulheres entrevistadas, o consumismo não é o foco delas com a corrida, principalmente porque dizem gostar da modalidade por ser prática e não precisar de nada além de um tênis. Já as propagandas da categoria “inscrição para corrida” possui relação com as metas das corredoras, uma vez que elas afirmam preferir as competições aos treinos e caracterizam esse evento como importante para a continuidade da prática, como um motivador e auxiliador para criação de novos objetivos.

As capas enfatizavam as manchetes da categoria “emagrecimento com exercício”, por mais que essa categoria não fosse a mais presente nos exemplares era a mais enfatizada visualmente, a questão do emagrecimento esteve presente nos objetivos

iniciais das mulheres, isso demonstra que se a revista pretende atingir as corredoras iniciantes é uma boa estratégia, mas após a adesão à prática esse quesito não é mais presente.

Os três focos principais percebidos através da revista de maneira geral foram: melhora do rendimento da corrida, delineamento do corpo e emagrecimento. A melhora do rendimento e o emagrecimento também foram aspectos percebidos na trajetória das corredoras. O ponto principal que distancia a revista das entrevistadas é a constante propagação de um corpo construído e modelado aos padrões da revista, padrões esses disseminados na maioria dos meios de comunicação, que não retrata a realidade e o objetivo da maioria das praticantes.

Enquanto na revista a corrida de rua aparece mais como um meio, para atingir um fim, o qual está relacionado a aspectos estéticos do corpo, principalmente no que se refere ao emagrecimento, entre as corredoras, a corrida em si e a busca de um melhor rendimento adquirem uma maior importância. Para algumas, o início da prática da corrida esteve relacionado à busca de um estilo de vida mais saudável e ao emagrecimento, no entanto, com o passar do tempo, ainda que esses objetivos não tenham se extinguido totalmente, o envolvimento com a corrida, com o treinamento, a busca de um melhor desempenho ganharam maior importância para as corredoras.

A revista apresentou ênfase no quesito beleza, estética, emagrecimento e imagens de mulheres com um corpo seguindo os padrões de beleza atuais (magro, músculos definidos, cabelos alisados, maquiagem, unhas pintadas etc.). Já nas respostas das corredoras outros aspectos e objetivos foram falados por elas, pouco enfatizando a relação da prática da corrida com a beleza e sim com momentos prazerosos, competições e conquistas alcançadas. Demonstrando que a imagem e o conteúdo transmitido por uma revista direcionada a esse esporte pode não condizer com a realidade das praticantes e sim com um padrão de beleza imposto não só no mundo esportivo, mas para as mulheres de maneira geral.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 931-953, set./dez. 2011.
- ALTMANN, Helena; REIS, Heloisa H. B. dos. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 211-232, jul./set. 2013.
- ARAUJO, Maíta Poli de et al. Relação entre incontinência urinária em mulheres atletas corredoras de longa distância e distúrbio alimentar. **Revista Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 54, n. 2, abril 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTOS, Flávia da Cunha; PEDRO, Mário Antônio Dawid; PALHARES, Juliana Meirelles. Corrida de rua: análise da produção científica em universidades paulistas. **Revista Min. Educ. Fís.**, Viçosa, v. 17, n. 2, p. 76-87, 2009.
- BAUDRILLARD, J. **América**. Rio de Janeiro: Roxo, 1986.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006.
- DALLARI, Martha Maria. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. 2009. 130f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- DEVIDE, Fabiano P. **Gênero e mulher no esporte**: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Moderno. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2005.
- EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ed. Ideias & Letras, 2010.
- FERRETTI, Marco Antonio de Carvalho; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 57-80, jan./abril 2007.
- GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abril/jun. 2005.

GOELLNER, Silvana V.; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Quando você é excluída, você faz o seu: mulheres e skate no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 41, p. 239-264, jul./dez. 2013.

GONÇALVES, G. H. T. **Corrida de rua: um estudo sobre os motivos de adesão e permanência de corredores amadores de Porto Alegre**. 2011. 52f. Monografia (Bacharel em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MANTOANELLI, G.; VITALE, M. S. de Souza; AMANCIO, O. M. S. Amenorréia e osteoporose em adolescentes atletas. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 15, n. 3, set. 2002.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 14, v. 3, p. 681-693, set./dez. 2006.

MORAES, E. V. **As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)**. 2012. Tese (Doutorado em História)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

NICKHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

PINHEIRO, J. P. C. **A história da maratona de Porto Alegre e sua contribuição para a popularização das corridas de rua na cidade**. 2012. 48f. Monografia (Bacharel em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RUBIO, K. **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

SÃO SILVESTRE. **Resultados**. Disponível em:
<<http://www.saosilvestre.com.br/resultados/>>. Acesso em: 05 ago 2015.

SCHPUN, M. R. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, M. R. **Gênero sem fronteiras**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

SILVA, M. dos Santos; SOUZA, M. da Silva. O papel das assessorias esportivas no crescimento das corridas de rua no Brasil. **FIEP BULLETIN**, v. 83, 2013.

SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Mulheres no tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X e FAPERJ, 2011.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 15, n. 2, jul./dez. 1990.

TICIANELLI, G. G.; ALTMANN, H. Análise das propagandas de uma revista para mulheres sobre corrida de rua. In: V Congresso Internacional de Ciência do Desporto e IV Simpósio Internacional de Ciência do Desporto, 2014, Campinas. Anais, 2014.

ANEXO A

Roteiro da entrevista:

- Nome:
- Data de nascimento:
- Estado civil:
- Há quanto tempo pratica corrida?
- Quantas vezes pratica corrida durante a semana?
 1. Como você iniciou a prática da corrida e por quê?
 2. Quais eram seus objetivos iniciais?
 3. Por que você escolheu a corrida?
 4. O que a corrida te proporcionou para que você continuasse praticando-a?
 5. Você participa de corridas de rua só na sua cidade ou em outras também?
 6. Quais competições mais gostou de participar?
 7. Você já participou de alguma corrida exclusiva para mulheres? Se sim, o que achou?
 8. Quais são seus objetivos recentes com a corrida?
 9. Quais sensações a corrida te proporciona durante a prática? Há diferenças nessas sensações entre o treino e a competição?
 10. As competições ajudam a estimular os treinos e a criar novos objetivos?
 11. Quando você organiza o seu dia-a-dia a corrida é um item fundamental?
 12. Você possui um horário determinado de treino? Ou treina quando possui um tempo livre?
 13. Você treina em esteira (academia ou em casa) ou ao ar livre (em parques, na rua, praças...)?
 14. O que a corrida significa para você (lazer, competição...)?